

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**  
**CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS –**  
**LICENCIATURA**

Rodrigo da Silva Fernandez

**ASSIM QUE FOR NOMEADO, LHE AVISO**  
**ou**  
**notas sobre algum forjar-se professor**

Porto Alegre

2023

Rodrigo da Silva Fernandez

Assim que for nomeado, lhe aviso  
ou  
notas sobre algum forjar-se professor

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Comissão de Graduação  
do Curso de Ciências Biológicas –  
Licenciatura do Instituto de Biociências  
da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, como requisito para obtenção do  
título de Licenciado em Ciências  
Biológicas

Orientador: Prof. Dr.  
Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2023

## AGRADECIMENTOS

Como em quaisquer trabalhos, há sempre que se agradecer a muita gente pela concretização do mesmo e, aqui em nosso texto, tal demanda não será diferente. Ainda que num ímpeto de humildade e gratidão extremas eu queira agradecer desde as pessoas que começaram a brincar com códigos binários (e que assim permitiram que eu escrevesse, pesquisasse e até mesmo conversasse com meu orientador à distância pelo conforto e abrigo de uma tela de computador) e às corajosas primeiras pessoas alquimistas que uniram o fogo a certo grão (e assim me permitiram saborear os gigantescos litros de café consumidos durante a pesquisa) e as gentes trabalhadoras da limpeza urbana (por motivos mais do que óbvios), me resigno aqui a citar alguns poucos nomes em detrimento de folha e de tempo e de respeito à paciência leitora. Portanto, caso você sinta que seu nome deveria estar na lista abaixo e não o encontrou, não fique triste! Lembre-se: você pertence a uma esmagadora maioria!

Sem mais delongas, meu muito obrigado por infinitas razões e acolhimentos e encontros e tropeços a Maria Alice, Seu Zuza e Dona Vera, Raquel, Luciano Bedin, Malu, (às professoras da disciplina do trabalho de conclusão) Maríndia e Sofia, Rita, Sérgio Leite, “o moço” e às pessoas que

lutam pela educação pública tão tristemente atacada em nosso país.

*(...) já me dizia Vico que, de início, o nada era tudo que existia. Daí que as gentes tiveram de inventar o Mundo. E só depois é que se deram conta de catalogar/arrumar/desembaralhar as palavras e tudo o que elas traziam consigo. Pois esta dignidade tanto me é cara que na falta do que fazer dos dias escrevi este livro que era um dos que me ainda não tinha em minha biblioteca.*

L. Plagiammo, 1973 no *Tratado sobre as berrantes diferenças entre o Bianco Amibile e o Amabile Bianco*

(p. 57)

## RESUMO

O presente texto foi construído utilizando elementos de uma comédia intelectual uma vez que esta “trava ações ordinárias e de escrituras do mundo habitual em relação as ações do Educador com ele mesmo” (LAMELA ADÓ, 2013). Tais apontamentos foram desenvolvidos ao longo de todos os capítulos a fim de configurar um conjunto de referências teóricas distribuídas em todas as partes que compõem o projeto que é dividido em capítulos denominados de “Sessões”, sendo eles complementares entre si e sendo todas as sessões independentes de alguma ordem de leitura. A narrativa proposta nesta investigação a cerca do forjar-se professor é guiada por três vozes distintas a sabê-las: L. Plagiammo, um professor aposentado e R. Fernandez, um licenciando e um narrador/comentador autointitulado autor do texto. Tal como correntemente se organiza a prática, L. Plagiammo habita a memória de R. Fernandez por meios de registros escritos e conversas vivenciadas ao longo de um tempo projetado nesta ficção. Assim, é importante que se compreenda que, ainda que verossímeis, tais personagens, nasceram para responder às inquirições do autor sobre o ensino e o forjar-se professor. A proposta para leitura é um convite que se abre a múltiplas possibilidades, atendendo à escolha de cada pessoa que lê estes textos, utilizando o caráter lúdico, como se fosse um jogo (por

este motivo, o autor julga desnecessária a presença de numeração de algumas páginas e tampouco de um sumário). Assim, a ordem do texto não prejudicará a compreensão do que se deseja apresentar a pesquisa.

**palavras-chave:** invenção; criação; educação; comédia do intelecto; ficção.

## ABSTRACT

The present text was made upon some elements of an intellect's comedy once such kind of method "brings ordinary actions and from writings of the usual word on relations to the actions from the Educator with himself" (LAMELA ADÓ, 2013). Such appointments were developed through all the chapters (each chapter was denominated "Session") so the theoretical references were found along all the whole text. In a fragmental and playful fashion (such as a game), each "session" were complementary and independent from the other with no mandatory reading order. The narrative was led by three different characters: L. Plagiammo, a retired teacher; R. Fernandez, a college student and a storyteller/commentator self proclaimed author of the text. As usually occurs at the practice of teaching, L. Plagiammo inhabits the memory of R. Fernandez through letters and meetings along the way of this fiction. Needless to say that, even if almost real, these characters were born as tools to answer the author's queries about teaching and the forgery of a teacher.

**Key words:** invention; creation; education; intellect's comedy; fiction.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ideia (geral) da obra.....14

## SUMÁRIO

Não se aplica.

## O Que Se tem Até Agora ou Um pouco Menos

Seguem nas linhas a seguir, um compilado dos achados escritos sobre o forjar-se professor composto por um perdido, um rocambolista<sup>1</sup>, um Odisseu que ainda está lá no bar com os amigos esperando por algum Telêmaco que o leve de volta pra casa para encher a esposa de desculpas esfarrapadas, um desvanecido que entre tropeços e andanças e prazos vencidos tal qual um quixote falsifica a própria investidura a fim de pertencer a uma classe que ele só conhece dum mundo fantasioso de leituras compulsórias e filmes feitos com a única finalidade de vender figuras de ação.

Dito isso, a leitura até que é agradável: notas divertidas aqui e acolá até que disfarçam o peso e o odor de fadiga e de marasmo que as escritas acadêmicas sempre trazem consigo<sup>2</sup>. E como todo trabalho incompleto<sup>3</sup>, esse conjunto goza dessa aura mágica de algo promissor que estava para ser grande<sup>4</sup>, ser bom e

importante e ficar como referência para gerações futuras e demais grandiosidades que se passam nas cabeças aéreas dos nascidos entre os meses de abril e maio<sup>5</sup>. Mas há que ser finalizado para avaliação e revisão e formatação e documentação e carimbamentos e assinaturas de orientadores e testemunhas e reitores e pró-reitores e docentes e prosseguimento de todos os caminhos concebidos e permitidos por lei para devida alocação de volume impresso e seu posterior acúmulo de poeira.

O presente documento é verdadeiro e dou fé,

Rodrigo Fernandez,

Porto Alegre, 07 de Março de 2023.

## NOTAS

1. Era parte comum da estrutura do romance romântico do século XIX, uma complicação na trama, um fator que desorganizava uma aparente harmonia entre os participantes da estória causando caos e intrigas e confusões e assim se prolongava o folhetim por mais vários capítulos até que uma nova harmonia fosse estabelecida e tudo acabasse em casamento. Essa tática -comum até hoje- foi criada para dar nome a um famoso confeito encontrado facilmente em quaisquer padarias e redes de supermercados.

2. Como em qualquer disfarce, por mais bem cerzido que seja, encontram-se aqui marcas de costura, espaços indesejados entre a manga e a luva, uma grosseira peruca ou um balanço artificial nos seios e nas nádegas.

3. Trabalho incompleto pois nascido para ser inconclusivo e inconcluso. Fosse ele escrito em uma semana ou em dez anos falaria as mesmas coisas da mesma maneira

com as mesmas vírgulas e com as mesmas acentuações e com o mesmo vocabulário exatamente linha por linha tal qual se apresenta agora.

**4.** Graças a essa mágica, muitas editoras garantem boas vendas de autores famosos como Kafka, Dostoiévsky, Tolkien e Sousândrade.

**5.** De acordo com a astrologia, ciência milenar e inequívoca, os nascidos sob o signo de Touro, invariavelmente têm a cabeça levemente deslocada do corpo do mundo prático sendo comumente chamados de "cabeça-de-vento".

## IDEIA (GERAL) DA OBRA<sup>1</sup>

Figura 1 – Ideia (geral) da obra.<sup>2</sup>



Fonte:

<https://labs.openai.com/e/fFcg1z0mdJSM7SpiHwLX8xi8/rdzCbcg2JgAzuaYpYxgKP9T>

### Notas

1. Título roubado de Vico (1974)

2. A explicação da gravura ilustrativa proposta no frontispício e que serve como ilustração à obra está presente no episódio 2 do *podcast* “Eu em persona”, disponível em <https://euempersona.bandcamp.com/track/ep-02-a-apresenta-o>.

## OUTRO PRÓLOGO

Gostaria de evitar, se possível, este outro prólogo do tão mal que me saí do que escrevi n' "O Que Se Tem Até Agora ou Um Pouco Menos". A culpa deste "Outro Prólogo" é de um velho companheiro meu que sempre a me cutucar de longe a me perguntar se "Importa-te de eu ficar só um pouquinho mais aqui ao lado teu? Prometo não incomodar. E que bonitas essas linhas que escreve! Que são? Ah! Teu Trabalho de Conclusão! Pois minhas felicitações, estimado colega! Porém... donde as explicações? donde a terceira pessoa do plural? donde a impessoalidade? donde as conclusões? donde o caminho do formato consagrado e seguro da linha reta?". Assim que eu sendo um acadêmico falido e dotado dessa natureza tergiversante e prestidigitadora que é misto dum charlatanismo mal disfarçado com medo e preguiça de desacomodar-me dos prazeres da carne busco me falsificar/forjar em um autor do vir a ser (ou autor ainda não nascido) e, portanto, me dedico com todo esforço possível a deixar esta espécie de menino da longa vara (FERNÁNDEZ, 2010) de fora do meu escrito para que este meu velho companheiro também não o estorve, caríssimo leitor.

Mas sendo eu de natureza acadêmica biólogo, não consigo esgueirar-me de alguma tentadora exceção: trago-te alguma explicação sobre essa coisa tão cultuada em nosso meio

que é a forma. Até caberiam aqui algumas reminiscências de Fogo Pálido mas por falta de tempo e engenho meus, segue meu prólogo como um leve contraponto ao restante da pesquisa (uma pesquisa que não segue numa busca de respostas): antes de lida de olhos, ela (a pesquisa) foi lida de boca. Então que uma série de notas de rodapé e comentários no meio do texto bem como um artigo organizado em linha reta despotencializariam o tom de nosso trabalho (i.e. os resultados da pesquisa dum forjar-se professor) e ela (a série de notas e comentários e linhas retas) seria tão bem transposta ao presente trabalho quanto uma comédia pastelão de torta na cara o seria em uma tira de jornal. Assim, mais que o tempo e o engenho, me serve o meio de cúmplice e justificativa ao presente trabalho e suas notas de tropeço ao fim de cada sessão.

Evitemos, portanto, estes desvios em nossa obra já tão errante.

## NOTA SOBRE AS SESSÕES: manual à leitura

Esta nota serve como um manual à leitura da pesquisa por enquanto intitulada de *Assim que for nomeado, lhe aviso ou notas sobre algum forjar-se professor*<sup>1</sup>. Recomendamos que para uma prática, mais prazerosa e adequada leitura do projeto, estas regras sejam rigidamente seguidas<sup>2</sup>. Para tal, é necessário que, primeiro, o arquivo seja impresso em sua completude sem exceções. Por conseguinte, deve-se separar cautelosamente cada *Sessão* uma da outra. Logo após a impressão e o recorte de tais unidades, que estas sejam grampeadas tais quais fascículos<sup>3</sup> (cada *Sessão* equivale a um fascículo) e estes jogados para cima preferencialmente em uma sala repleta de móveis. A ordem de leitura deverá ser a seguinte<sup>4</sup>:

1º) leiam-se os fascículos que caírem sobre armários, estantes ou guarda-roupas. Caso mais de um fascículo caia sobre o mesmo móvel, o critério de desempate deverá ser o de ordem silábica: quanto mais sílabas, maior a prioridade de leitura.

2º) leiam-se os fascículos que caírem sobre mesas e escrivaninhas. O critério de desempate da ordem de leitura deverá ser o mesmo do primeiro item.

3º) leiam-se os fascículos que caírem no chão. O critério de desempate da ordem de leitura deverá ser o mesmo do primeiro item.

4º) leiam-se os fascículos caídos no chão que porventura sejam pisoteados ou mastigados por algum animal ou que recebam sobre sua superfície respingos de chá, café, achocolatados e demais líquidos. Neste caso, a ordem de desempate é a de maior grau de sujeira e lambança.

Dada a natureza fragmentária do texto, a partir deste ponto, cada *Sessão* estará disposta no trabalho em ordem alfabética com exceção da sessão intitulada *Apresentação das Referências Bibliográficas* que está presente compulsoriamente no fim do texto (a fim de lhe facilitar a vida, caro leitor, sacrificamos um pedaço da nossa intenção). Essa proposta quase lúdica se mostra necessária uma vez que:

-Cada *Sessão* existe por si só;

-Uma *Sessão* existe independentemente de outra *Sessão* ainda que mantenha-se um profundo diálogo entre todas as *Sessões*.

-Sendo a *Sessão* autossuficiente, uma ordem explícita de leitura corromperia as potencialidades criadoras e inventivas do texto e da leitura;

-Este é um texto que privilegia o leitor salteado (FERNÁNDEZ, 2010) e que implora por alguma migalha da ação e da atenção leitoras.

Tanto são verdadeiras as dignidades acima que um sumário mostra-se ferramenta totalmente inútil e objeto quase risível num cenário como esse. Para que este (o sumário) não se sinta deveras desrespeitado e, num rompante de orgulho,

recolha-se em sua casa e se recuse a exercer sua função em trabalhos vindouros, destacamos aqui sua existência no local ao qual as Normas lhe dedicaram. Porém, respeitosamente, também destacamos sua desnecessidade.

Os autores do presente projeto pedem encarecidamente que a leitura não se desvie da regra proposta.

## NOTAS

1. título roubado do livro de um grande contador de estórias e amigo meu<sup>5</sup>. Saiba quem aqui me lê que não há nenhum problema neste meu furto: meu amigo também roubou seu título de outra pessoa.

2. regras que servem tanto para auxiliar o leitor de começos (Fernández, 2001) em sua capacidade de tornar o texto infundável quanto para realçar e demarcar o papel do leitor seguido e de criador do texto aos tantos almejados leitores salteados.

3. roubado de Gassen (2014).

4. roubado (e adaptado) de uma anedota pessoal criada pelo professor Sérgio Leite sobre seu método de correção de provas.

5. a fim de satisfazer eventuais curiosidades: o livro chama-se *Assim que for editado, lhe envio* (ROCHA, 2013).

## A FORJA COMO INVENÇÃO DE SI: MOTIVOS PÚBLICOS DE VERDADE<sup>1</sup>

Nós quando logo saídos do confortável ventre materno donde camadas de tecido nos abrigam de sol e de chuva e de frio e de granizo e de respingos de tinta fresca e de manchas de óleo da estrada e de arranhões & bicadas de feras selvagens; lá nas entranhas de um ser XX (pertencente ao binário XX & XY) onde somos facilmente alimentados sem ter de abrir a boca para exigir um mísero grão de afeto e cuidado; lá onde somos aguardados com anseios e esperanças e nomes de Fernanda caso seja menina e de Rodrigo caso seja menino e com um enxoval já pronto com toquinhas de lã e pompons e figurinhas de outros mamíferos (e.g elefantes, gatos, coelhos, girafas), quando chegamos aqui deste lado de fora, chegamos como um **fracasso**<sup>2</sup>.

Quando da divisão primeira dos atributos e características de cada espécie, os deuses deixaram-nos por último na fila das qualidades necessárias à sobrevivência neste mundo de ventre e carne. Para o frio, nos faltam pelos e camadas sobressalentes de gordura; chegamos sem saber caminhar, sem saber nadar, sem saber correr, sem saber voar, sem um par de membros fortes para escalar quaisquer

obstáculos. Por exemplo, tomemos o tubarão: agraciado com perfeita hidrodinâmica e mandíbulas de dentes intermináveis e sensores de sangue e de pulsos eletromagnéticos. Corujas já desde os tempos de antes da invenção da escrita e tornarem-se símbolos do saber, já possuíam dispositivos nanotecnológicos em seus grandes olhos que as possibilitam enxergam diferentes matizes de desatenção e pavor em suas presas mesmo nas noites mais densas. Não possuímos nem sequer um jogo de garras de prata inoxidável tal qual o tigre e seus 300kg de massa muscular. Se ao menos soubéssemos cambalear tal qual as borboletas dançarinas para distrair nossos predadores! Nós, por desatenção divina, quando cambaleamos damos com nossa cara no chão<sup>3</sup>.

De tal modo, Prometeu com pena de nossas lágrimas, limpando nossos rostos da lama e dos pedacinhos de pedra do chão onde acabamos de cair, de sorrateiro pega um pouco do fogo da forja de Hefesto e entrega tal dádiva a nós crianças dizendo

*“Tomai o fogo, ó ser indefeso e incapaz e tão merecedor de minha compaixão!”*

*Dele terás as maravilhas do calor e da cocção para que desfrutes da aconchegante sopa de legumes no inverno! Sua luz afastará os predadores, de sua chama será capaz de acender cigarros e afugentar os insetos alados parasitas de teu sangue!*

*Com o Fogo, esta dádiva que te trago das profundezas do Etna, tu com teu engenho transformará rocha no metal de teus sabres e de teus microprocessadores quad cortex capazes de resolver os mais intrincados cálculos de tuas tabelas de excel, te levando da Lua até ao cargo de Subgerente Júnior de uma transnacional do ramo de energia elétrica!”*

Se consideramos o filósofo napolitano Giambattista Vico quando ele diz lá na sua “Ciência Nova” que as tradições populares carregam em si os tais motivos públicos de verdade, percebemos que o mito em si carrega tal sabedoria: os seres humanos, incapazes de sua própria sobrevivência, tornam-se Humanidade graças a dois deuses forjadores (i.e. Hefesto, o renegado manco ferreiro olimpiano e Prometeu, o manco Titã sem fígado capaz de falsificar -com sucesso- um presente para Zeus) que brindam nossa espécie com o dom de inventar a si própria e a inventar o próprio mundo onde vive. Assim, sem saber que existiriam o sofá e os filmes por *streaming*, a humanidade fez do fogo o seu primeiro deus.<sup>4</sup>

## Notas

1. o texto acima é uma transcrição completa e literal para o divertido formato Times New Roman, 12, justificado, espaçamento entre linhas 1,5, margem superior e esquerda 3 cm e margens inferior e direita 2cm do primeiro episódio do *podcast* “Eu em persona”, disponível em <https://euempersona.bandcamp.com/track/ep-01-a-forja-como-invan-o-de-si>
2. destaque no texto a palavra “fracasso” dada a entonação e intensa energia com a qual o narrador do *podcast* a profere.
3. tal passagem me lembrou da única vez a qual tentei encontrar-me pessoalmente com o seu Plagiammo. Infelizmente, ele não foi ao encontro. Felizmente, dias depois, fui presenteado com a seguinte carta

“Caro futuro general do Brasil, como seus sentidos perceberam (assim o rogo!), não estive presente em nosso encontro semana passada. A coisa foi que no caminho do ônibus, tropecei na calçada e minha face foi de encontro ao chão. Dada minha pesada idade, fui socorrido prontamente por alguns transeuntes. E dada minha leve constituição óssea, fui levado ao pronto socorro. Lá, em meio a emergência, o médico recomendou-me repouso, um analgésico de oito em oito horas e sessões de fisioterapia “pois o senhor sabe que na sua idade é muito importante fazer exercícios, seu

Plagiammo!”. Enquanto aguardava tão elaborado laudo médico, pensei-te a seguinte proposta: seria possível em uma mesa épura desenhar a mim tal qual o velho caído na calçada de horas atrás? Que restaria (ou revelaria) de minha pessoa entre tamanha profusão de pontos? Veja que é simples o exercício: basta representar só a mim. Não são necessárias as pedras do meio-fio da calçada, a mochila que uma estudante carregava nas costas, o poste de luz e seus fios de cobre ou a vitrine da loja de sapatos em frente a parada de ônibus (tampouco a própria parada de ônibus). De tal forma que assim me despeço e aguardo ansioso o tema que este velho professor te envia.

Saudações do seu L.

p.s.: sigo em repouso!”

Obviamente, nunca resolvi tal exercício! Ainda que tenha estudado tal assunto (a tal da mesa épura e seus pontos) nas aulas de geometria analítica do ensino médio, meu conhecimento sobre o tema restava de somente lembrar que “na linha de terra,  $H' V$ ” (lê-se “**a galinha vê**”) graças a esses esquemas e canções muito utilizados em aula para que os alunos “memorizem” as fórmulas. Porém, tampouco lembrava eu do que era a tal da linha de terra ou o que significavam os

pontos H' e V. Acredito que talvez por falta de alguma canção popular disponível na época que servisse à missão de “passar conhecimento” (no caso, o conhecimento de geometria analítica), eu ainda não saiba muito desta matéria e nem tenha me tornado engenheiro cabendo-me a tarefa de me inventar como professor.

4. Ainda que tenha achado o episódio interessante, acredito que os autores do *podcast* “Eu em persona” poderiam ter expandido um pouco mais o tema. Assim, tal qual um autor de *fanfic*, “expando” (ou quem sabe, saturo) um pouco mais do episódio com o texto abaixo:

“Da forja se inventaram os problemas do mundo pois, ainda no mito, os males do mundo são trazidos pela primeira mulher mortal: Pandora. Esta, também forjada na mesma oficina de Hefesto, mesmo local de onde vieram nossas impressoras de uso doméstico (que, como bem sabemos, ora são solução, ora são o látigo dos deuses). Da forja se inventaram os desafios e se criaram as respostas e sobraram as perguntas.

E nós, seguindo a esteira dos deuses, engendramos essa minha e essa sua identidade criada pela necessidade tal qual um documento que falsificamos para ter acesso a uma festa. Identidade inventada enquanto viajantes de um caminho desconhecido, como ilusionistas de si, sem nunca revelar seus truques (nem aos outros e nem a si), fingidores da mágica de inventar a si e a seus caminhos.”

## A FORJA COMO INVENÇÃO DE SI: O NOME COMO NARRATIVA OU AS CARTAS DOS NOMES

### A carta de L. Plagiammo

Salve, jovem futuro general do Brasil!

Como se percebeu, a sobra de assunto adicionou uma falta no tempo de apresentar-se propriamente<sup>1</sup>. Pois, em verdade vos digo<sup>2</sup>: muito prazer, L. Plagiammo! Ou melhor: em verdade vos **escrevo** estas tortas linhas. Brincadeiras megalômanas à parte, imagino que talvez te estranhe “L.” quando se espera por um augusto, triunfante e belo “Laurindo”<sup>3</sup>. É que gosto de gente curiosa e melhor convite que estranhamento embalado em um envelope de tropeço<sup>4</sup> da lógica ainda não achei pra tal gente que tanto me agrada. Que se leia “éle”, “ele” ou “lê” fica ao sabor do meu interlocutor. E o que venha depois do “L.” que sirva de ajuda. Que venha “umbago” ao vendedor de remédios, “aranja” ou “imão” a quem se encontra sedento ou gripado, “abareda” a quem passa frio ou “ívro” a quem busca passar o tempo, pouco me importa. Já plagiammista é da única herança por parte de pai —copista de orquestra— que recebi. Em muitos casos, havia de se confiar somente em sua versão da música por falta de outra fonte mais

fidedigna. Por parte de mãe só os cabelos brancos antes do tempo e um apetite irrefreável por compotas.

Se meu convite te cabe no bolso, folgo em sabê-lo! Se abres o envelope e te interesse a contestação, mais me alegra ainda! Então, rapaz? Qual história teu nome tem para contar?

Abraços do seu

L. Plagiammo

## NOTAS

1. Para mais detalhes, ver a nota de número 10 presente mais adiante no trecho desta sessão denominado *Apresentação do L. Plagiammo*.

2. Nada aqui é verdadeiro. Tanto nesta sessão quanto no texto inteiro deste Trabalho de Conclusão de Curso. Repito: NADA! Tudo aqui é fruto da imaginação de um licenciando em ciências biológicas baseadas em poucas referências bibliográficas e estilhaços da vida real tão pálidos e exangues que mal são capazes de apertar o botão vermelho ao lado da cama de hospital para chamar ajuda do corpo de enfermagem. Quaisquer diálogos ou fatos próximos à realidade são meras coincidências. Esta nota, por sinal, também é totalmente falsa e desprovida de qualquer vínculo com o real. Tudo aqui lido deve ser desconsiderado em favor de uma laica, idônea, imparcial, neutra e distante de quaisquer preconceitos ciência. Tal qual a verdadeira ciência sempre foi<sup>5</sup>.

3. A nota antes aqui inserida, num caso único em nosso trabalho (i.e. numa exceção), por motivos de força maior, tornou-se a sessão denominada em nossa pesquisa como *A Forja como Invenção do Outro: A maldita nota última do nome de L. Plagiammo*.

4. Para mais detalhes, ler a terceira nota da sessão intitulada *A Forja como Invenção de Si: motivos públicos de verdade*.

**5.** Para mais detalhes e confirmações sobre tal nota, os autores deste Trabalho de Conclusão de Curso recomendam uma pesquisa breve sobre Rosalind Franklin.

## A carta de R. Fernandez

Olá, seu Plagiammo!

Pois então, me chamo Érico, O Vermelho ou O Último dos Godos, de mãe de ascendência de escravizados por portugueses da mata<sup>1</sup> e de pai filho de Fernando da Espanha<sup>2</sup>. Ou esta é **uma** das estórias que meu nome pode contar. Outra possibilidade de estória seria “Sílvia D.D. Nero, gorfa dez”. Quase um título de romance policial<sup>3</sup>.

De maneira mais burocrática e bem mais numerosa, seria Rodrigo da Silva Fernandez. Numerosa por ser minha geração nascida na época em que o então galã Tarcísio Meira visitava os lares brasileiros sob a pele de um certo Capitão Rodrigo. E assim, meninos nascidos por esses anos foram em demasiada quantidade rodrigos (ainda que nem todos capitães)<sup>4</sup>. Burocrática pois, enfim, é esta parte da minha estória marcada nos documentos oficiais.

Porém, de história mais real é o seguinte exercício:

Imagine uma árvore. Alguma que habite lugares das paisagens da memória tão comuns mas tão comuns que nem nos lembremos mais de seus detalhes. Se sua copa é frondosa, se perde suas folhas no inverno, se suas raízes arrebentam a calçada, se revoadas de pássaros se agitam ali pela manhã, se suas flores exalam um particular aroma nos fins de tarde

primaveris, se inúmeras espécies de insetos e demais invertebrados fazem de sua casca rugosa moradia, se ela possui entre três ou quinze orelhas-de-pau antes de chegar a primeira bifurcação, se seu tronco foi desastrosamente pintado de cal branco, se ela dá tantos frutos que a calçada se encontra periodicamente emplastada de pedaços de fruta estraguentos e que exalam um odor de azedume ou se nela existe um solitário balanço feito de corda e pneu velho não nos interessa. Pouco importa qual é esta árvore. Só importa que ela exista.

Agora imagine

a) ou que um carro em alta velocidade desgovernado por um motorista embriagado

b) ou que um mamífero gigante disparado em fúria esvoaçante

c) ou que uma pesada ventania varredora de caminhos

d) ou que um monstro japonês gigante

ocupe o mesmo espaço-tempo que esta árvore ocupe em sua memória<sup>5</sup>. Teremos assim um encontro entre esses dois elementos. Um encontro cuja força é capaz de balançar a copa desta árvore. Uma batida! uma paulada! um estrondo! como queira. Dado este encontro violento, a copa desta árvore se agitará de tal maneira que tudo que se encontra nela cairá no chão<sup>6</sup>.

Agora olhe para este chão que possui os despojos e retalhos deste embate. Anote tudo que encontrar ali: ninhos os quais torcemos esperançosamente para que estejam vazios,

frutos verdes e adstringentes, bromélias, talvez até algumas orquídeas com diminutas flores amarelas, pedaços de chifres e dentes, uma bola murcha perdida de um chutão mal calculado dado meses atrás, aproximadamente duas mil oitocentas e quarenta e sete folhas verdes<sup>7</sup>, um para-brisas que já nada mais para pois está em frangalhos, pedaços de galhos partidos ao meio, uma garrafa de vodka, uma unha encravada e algumas escamas e, inevitavelmente, encontraremos também pelo menos três ou quatro rodrigos atordoados no chão. Tal é o nível corriqueiro de rodrigos neste nosso mundo (ao menos, no mundo desta cidade que moro). Por isso, sempre que posso, omito as seis últimas letras de meu nome e viro só um R<sup>8</sup>. Acho elegante: carrega um certo mistério, uma incerteza de gênero<sup>9</sup> um caminho em aberto<sup>10</sup>.

Depois de ter-lhe dado diversos causos de meu nome para que o senhor escolha qual mais lhe agrada, um caso é certo: sou dos rodrigos que não viraram capitães e tampouco quaisquer patentes militares. Logo, a chance de que me torne um futuro general do Brasil é bastante remota. O mais provável é que me torne, tal qual o seu caso, um professor. No meu caso<sup>11</sup> de ciências ou biologia<sup>12</sup>. Qualquer hora, nos encontramos por algum destes ônibus e o senhor me conta dos seus causos de profissão. Que lhe parece?

Um abraço!

## NOTAS

1. Sobre nomes e selvas e florestas e silvas, ouvir ao vídeo seguinte <https://www.youtube.com/watch?v=XIqzRMumZ7M>
2. Ou, pelo menos, foi o que me disse o **verdadeiro** L. Plagiammo durante nosso primeiro encontro em um ônibus. Para mais detalhes, ler a sessão intitulada “Apresentação do L. Plagiammo”.
3. Aqui, num caso único em nosso trabalho (i.e. uma exceção), por motivos de força maior, a sessão em nossa pesquisa denominada como *A Forja como Invenção de Si: Sílvia D.D. Nero, Gorfa Dez ou O Nome Como Ferramenta De Criação de Estórias*<sup>13</sup> tornou-se uma nota.

‘*SÍLVIA D.D. NERO GOLFA EM PÚBLICO!*’ escancarava a manchete do *Diário de Importâncias*, famoso jornal sensacionalista local. A notícia em si tratava do mais importante acontecimento social da semana passada (e dos meses vindouros): a famosa atriz Sílvia D.D. Nero “conhecida pelo público pelos papéis de Nádia em *Tormenta do Coração* e de Mãe Cristina na mini série *Vai na Areia!*”, segundo o jornal, havia desaparecido na noite de sexta-feira durante um baile realizado no Clube Flamingo Azul na capital de nosso Estado. Algumas testemunhas dizem ter escutado tiros e vidros quebrando; outras, barulhos de correntes e motosserras. Entretanto, todos foram unânimes ao dizer que Sílvia foi vista

saindo correndo descalça do clube enquanto uma voz masculina bradava “Sílvia golfa dez!!!”. De pronto, todos passaram a acreditar que a famosa atriz havia bebido em demasia ou saboreado algum acepipe de validade estragada que lhe fez mal e, sem conseguir conter-se, vomitou durante a festa e algum possível desafeto seu saiu bradando pelo salão o tal “golfa dez” e que desde então, Sílvia, talvez por vergonha, encontra-se sumida dos holofotes.

A questão é que, na verdade, a frase por todos bem ouvida e por todos mal escutada era “Sílvia, não se esqueça! GORFA DEZ!!!” e muito possivelmente pelos estardalhaços e pegos de surpresa, as testemunhas confundiram *gorfa* (que é uma espécie de pequeno celeiro usado como depósito de cereais pelos habitantes do Magrebe) com o fisiológico *golfa*. Sílvia, nas horas vagas, é atriz. Já profissionalmente, uma renomada e altamente treinada espiã internacional que, durante a festa, encontrou-se cercada por um grupo de oito mercenários armados de facões, revólveres, espingardas, garrafas de vidro quebradas e um cão asmático da raça rotweiller (talvez daí a confusão com a motosserra). Não fosse seu colega -o agente secreto conhecido apenas pelo codinome de “Mala de Ombro”- a aparecer no prédio armado de granadas de fumaça e balas nanodinâmicas de projeção oblíqua, a vida de Sílvia estaria acabada naquela festa.

Após o combate, Sílvia consegue escapar com vida

enquanto Mala de Ombro grita pelo salão a já supracitada mensagem “Sílvia, não se esqueça! GORFA DEZ!!!”. Provavelmente uma alusão ao próximo local de encontro dos membros de sua organização ou talvez mais um código secreto sobre alguma missão arriscada. É dito também à boca miúda entre os mais ferrenhos conspiracionistas que o *Diário de Importâncias* nada mais é que um jornal de fachada que serve como mecanismo de uma organização mundial secreta que trabalha para encobrir eventuais falhas de seus agentes em alguma missão.

4. Minha mãe nega até hoje que este, o personagem então famoso, tenha sido a razão de meu nome. Aliás, é muito comum que muitas pessoas me chamem de “Diego”.

5. É importante para o adequado procedimento do exercício que se escolha somente uma dessas possibilidades.

6. de acordo com a nota 14 da sessão intitulada *Apresentação da Questão*, essa situação imaginada torna-se real por literariamente ser o ponto de encontro de diversas ficções (inclusive da sua ficção com a ficção do presente texto).

7. E trezentas e doze folhas amareladas.

8. Sobre a letra “r” pouco nos importa no momento que sua origem seja oriunda da letra fenícia representada por uma cabeça (e, por ironia do destino, eu sempre ache dificuldade em achar chapéus por serem todos pequenos para a minha

circunferência craniana ou que, costumeiramente, tenha sido chamado de cabeça-de-vento). Ou que seu equivalente grego seja “rô”(dispensável dizer que esta seja a primeira sílaba de meu nome). Basta apenas que se assista a este vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=Zz1IigBNuc8> .

**9.** Esta prática faz com que alguns motoristas de aplicativo se decepcionem ao descobrir que não sou uma renata ou uma roberta ou uma raquel. Também faz com que invariavelmente sempre me perguntem qual meu nome ao entrar no carro.

**10.** Sobre estas possibilidades, ler “CARTA DOS NOMES – L. Plagiammo”.

**11.** Ou seria caso?

**12.** Nunca tive nenhum professor chamado Rodrigo. Curioso, não? Ou talvez, esteja eu faltando com substancial parte da verdade, tanto no tocante aos professores quanto aos nomes, o que se configuraria na melhor das hipóteses como um crime acadêmico, um pecado contra a ciência, uma encheção de linguiça no sentido figurado.

**13.** O conto acima é o resultado tardio de uma proposta de uma atividade da disciplina EDU02437 - DOCÊNCIA E PESQUISA: AULA, MÉTODO, EDUCADOR presente no currículo do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que consistia num exercício de escrita de um conto curto criado a partir de um

anagrama do nosso próprio nome. Resultado tardio pois não entreguei o texto até o presente momento.

## UMA DEVIDA EXPLICAÇÃO

Perdoe-me o afã de querer ser escritor e a ansiedade que me fez sair pulsando os dedos no teclado e encher as páginas anteriores de palavras!

Os textos acima tratam-se de uma troca de correspondências entre um professor e escritor aposentado (L. Plagiammo) e um licenciando (R. Fernandez)<sup>1</sup>, a qual que cabe muito bem o recurso da comédia intelectual pois um dos aspectos mais vivos de uma comédia intelectual valéryana estaria natureza e na importância das relações que os jovens mantêm com os velhos em determinada época. A admiração, a inveja, a incompreensão, os encontros; os preceitos e os processos transmitidos, desdenhados; os desprezos, os retornos (LAMELA ADÓ, 2013, p. 34).

E por ter me incumbido a tarefa de salpicar algumas folhas digitais com escritos de um academicismo que beira o literário, sinto-me na necessidade de trazer alguns daqueles que (talvez) orem por mim<sup>2</sup>. Muitos deles já passaram ou passarão por outras das minhas *Sessões* (isso depende muito da sua ordem de leitura do nosso trabalho), mas, cabe listá-los novamente a fim de facilitar a vida de quem me lê: *O livro de travesseiro*<sup>3</sup> (SEI SHÔNAGON, 2008), *Gramática da Fantasia* (RODARI, 1982), *Museu do romance da Eterna* (FERNÁNDEZ, 2010), *Fogo pálido* (NABOKOV, 1962),

*Cartas a um jovem poeta* (RILKE, 2012), *As aventuras do barão de Münchhausen*<sup>4</sup>(BÜRGER, 1953), *algo d'O bairro*, do Gonçalo Tavares, e o *Dom Quixote*, de Cervantes<sup>5</sup> (2004).

A seguir, a fim de não mais confundir e atrapalhar o leitor, introduzimos os personagens desta comédia.

## NOTAS

1. Tal como correntemente se organiza a prática (CAVALCANTE, 2018), L. Plagiammo habita a memória de R. Fernandez por meios de registos escritos e conversas vivenciadas ao longo de um tempo projetado nesta ficção. Assim, é importante que se compreenda que, ainda que verossímeis, tais personagens, foram criados numa tentativa de responder às minhas inquietações sobre o ensino e o forjar-se/inventar-se professor.

2. ou de quem eu roube as orações.

3. mãe do romance e de quase todas as listas vindouras. Borges que o diga.

4. padrasto deste mentiroso.

5. aquele o qual nós latinoamericanos sempre caímos na tentação de reescrevê-lo.

## **APRESENTAÇÃO DO R. FERNANDEZ**

O texto que segue abaixo, trata-se de uma carta a mim solicitada pelo orientador da presente pesquisa para que déssemos início aos trabalhos.

### **Da carta**

Porto Alegre, 25 de Fevereiro, 2022.

Prezado Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa,

vimos por meio desta concisa, ainda que deveras esclarecedora missiva, trazer relevâncias da vida de um estudante de curso de licenciatura em uma universidade pública do sul do Brasil para fins de encontros.

Nascido a 13 de maio de 1985, em Porto Alegre, de pai músico militar, dado a sempre seguir as mesmas rotas diárias, e mãe do lar disposta a, periodicamente, mudar os móveis da casa de lugar. Possui, ainda, um irmão mais novo, atualmente, capitão de artilharia do exército brasileiro e ferrenho torcedor do Sport Club Internacional.

Realizou o Ensino Fundamental em escolas do interior brasileiro, a saber, nos municípios de Santiago (RS), tido ali como aluno exemplar, e de São Gabriel da Cachoeira (AM), lá como aluno bom. No alvorecer do novo milênio, ingressou aos portões do Velho Casarão da Várzea, em Porto Alegre, o

famoso “colégio dos presidentes”, célebre por seu rigor e sua disciplina militares. Ali, concluiu o Ensino Médio como aluno mediano somente. Com desempenho irregular, formou-se Bacharel em Ciências Biológicas – ênfase ambiental – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2009. Ainda pela mesma instituição, tornou-se, em 2011, Mestre em Botânica, de quando, até o presente momento, segue sem exercer a profissão de biólogo.

Casou-se em concubinato com uma professora de escola federal de educação básica em 2013, quando, então, trabalhava como cozinheiro do turno da noite em restaurante de um bairro boêmio da capital gaúcha.

Atualmente está prestes a concluir o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas em uma universidade pública do sul do Brasil, o qual se deu por meio do reingresso de diplomado. É pai não-biológico de uma menina de doze anos de idade, possui quatro gatos, é casado com a mesma professora sob união estável e mora numa agradável residência no bairro Floresta, em Porto Alegre. Faz terapia cognitiva-comportamental para o tratamento de fobia de agulha e, por recomendações médicas, faz uso diário de 10 mg de rosuvastatina cálcica para aterosclerose e de 50 mg de cloridrato de sertralina, para o humor.

Atte.,

r. fernandez

## APÊNDICE SEGUNDO DA CARTA

começo<sup>1</sup> um segundo apêndice, pois ainda que me parecesse boa, minha primeira tentativa de apêndice deu tanta volta, esparafusou tanto caminho nas minhas memórias, se inflamou de tal maneira que acabou não chegando onde me pediram: encontrando o Luciano e tampouco dizendo para mim “como cresce esse musgo em cima do muro”<sup>2</sup>. A coisa é que sempre fui dessa tergiversidade de começa daqui e anda pra lá e o “terminar” vale menos que o “percorrer” (e, talvez por isso mesmo, o encontro com a cartografia me deixou tão contente e animado). A coisa essa mesma é que, no texto anterior, não me perdi: só percorri a esmo e encontrei outras respostas (ou melhor: pedaços de memórias que, aos olhos do Rodrigo de agora, têm outros sabores<sup>3</sup>).

Sabores de encontros e de interações com um pardal almoçando uma minhoca no pátio da escola, uma estrada de chão batido por onde ainda não havia passado de bicicleta, o barulho das ondas numa praia vazia, o vento na cara sentado no pátio (e, agora, o desenho das nuvens), um pica-pau numa árvore perto de casa que eu, em vão, tentei fotografar para mostrar para minha filha que “olha, Alice! Hoje tinha um pica-pau aqui perto de casa!”, um morador de rua alcoolizado que me encontrou na Redenção e recitou poemas da Grécia antiga para mim e meu colega, meu colega que, há anos que não vejo

e, na semana passada, descobri que está no Rio de Janeiro, de colegas tantos em tantos outros lugares de Alemanhas e norteaméricas e outras Porto-Alegres-por-onde-já-não-piso-mais, as tantas ruas que entrei sem saber onde sairia só porque tinham um bando de extremosas em flor<sup>4</sup>, do Rodrigo lá da primeira infância que, por anos, passou se perguntando como podia um musgo crescer em cima do muro<sup>5</sup>, aos diversos tombos que levei de bicicleta e, talvez, a numerologia me traga alguma resposta engraçada, sempre que me arrebatava, levava quatro pontos<sup>6</sup> no hospital, das quantas e quantas curiosidades que passei lendo e que, como disse meu irmão duma vez que passeávamos no meio das dunas em São José do Norte e falei algo sobre uma coruja que nos observava: “poxa! Essas coisas legais eles não falam na escola!”.

Assim que, de tropeços, sabores, pontos e caminhos mais largos que os aceitos por — e desculpe aqui o clichê — essa nossa sociedade obcecada em premiar o mais depressa (mas que, estranhamente, adora vender a preguiça), cheguei eu, com 36 anos (a dois meses dos 37) sem uma pergunta de pesquisa numa quinta-feira de tarde numa reunião on-line com o Luciano Bedin<sup>7</sup>.

## NOTAS

1. pareceu-me mais agradável e menos incisivo, menos pontiagudo, começar com “c” minúsculo.
2. esse era um dos títulos iniciais do primeiro e fracassado apêndice da carta.
3. uma curiosidade: quando cozinheiro, desenvolvi um prato tão perigoso à saúde quanto estupendo de sabor! O “bacon frito empanado acompanhado de geleia de vinho com frutas vermelhas”! Hoje, não mais me atrevo a tamanhas obscenidades gastronômicas. Talvez daí a rosuvastatina. Aliás, a aquelas pessoas inconsequentes e desejosas de aventuras arriscadas e descabidas podem me pedir a receita que envio por *e-mail* e com vídeos.
4. aqui também tropeço nos perfumes dos livros de sebo onde ainda se lia “em flôr”.
5. obviamente, desde o Ensino Médio, das aulas de Biologia sobre sucessão ecológica que descobri como o musgo cresce em locais inóspitos tais quais um muro. Talvez, e isso acrescento o eu de agora, que o crescer nos muros que seja da teimosia e da indiferença dessas plantas. Ou, quem sabe seja só uma curiosidade delas em espiar a vida alheia.
6. não precisamos ir muito longe para entender meu medo de agulha.
7. na época da minha filha pequena e do doutorado da minha então esposa, me matriculava somente nas disciplinas da

FACED, as quais os horários permitiam não deixar minha filha sozinha em casa. Assim que, em 2018/01, me matriculei em Psicologia da Educação II, à noite, por ser a única em um horário em que eu poderia comparecer e ali fui ter aulas com o tal do Luciano.

## APRESENTAÇÃO DO L. PLAGIAMMO

### **Do encontro**

Quando ainda estudante de Ensino Médio, eu e meus colegas<sup>1</sup> numa dessas esperas de ônibus debaixo do teto de uma parada buscando se defender do sol forte que é tão comum nos meses quentes de Porto Alegre, de súbito, fomos encontrados por um tonitruante “ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR! FUTUROS GENERAIS DO BRASIL!”. Ao que nós, do alto de nossa pouca idade e de nossas boininhas vermelhas redarguimos com sorrisos amarelos — e poucas e inacabadas palavras — algo como um “é, não é bem assim”<sup>2</sup> (ou algo que o valesse). Acontece que o então senhor de idade<sup>3</sup> também fora um dos portadores de boininhas vermelhas quando então de sua pouca idade<sup>4,5</sup>. Acontece mais ainda que ele pegou o mesmo ônibus que eu. Ali, nos primeiros assentos dum ônibus cujo trajeto apontava para a zona leste da cidade, um desenxabido Rodrigo do alto de sua pouca idade e sua boininha vermelha teve uma das conversas mais marcantes dais quais possa se lembrar.

### **Da conversa**

Talvez por pressa e/ou sedento por falatório, meu nome não foi perguntado por L. (e assim como num ping-pong de ausências tampouco perguntei eu o nome do velhinho). Só

soube que estava a caminho da casa de sua filha perto de um supermercado. E que fora professor de Espanhol e Português Arcaico<sup>6</sup>. Também havia publicado alguns livros e engavetado outros<sup>7</sup>. E que quando ele soube que meu pai era músico militar, achou que por isso (por ser músico), o soldo paterno deveria ser maior que dos demais colegas de farda<sup>8</sup>. Também recitou poemas sobre as saudades de infância e os males do internato, cantarolou a plenos pulmões a Ode à amizade<sup>9</sup> e se espantou ao saber que eu querendo ser músico fosse buscar uma graduação que não fosse na “faculdade de Belas Artes”. Ao descobrir que sua parada estava chegando, o velhinho pediu meu número de telefone e endereço para o caso de trocas de correspondências<sup>10</sup>.

### **Das cartas**

Recebi num dos meses finais de outono, uma carta do seu L. (somente ao receber o envelope e ler “Laurindo Plagiammo” em uma letra cursiva antiga é que fui saber de seu nome). Ali ele me agradecia pela companhia e por tê-lo “salvado de uma aporrinhada viagem da João Pessoa até o Carrefour”. Também me recomendava a carreira docente por ser “tão recompensadora que a gente até se esquece do lumbago. Mas só até que entre a primeira reunião de pais. Daí se implora por mais um bico-de-papagaio!” e mandava felicitações à minha família. Eu, talvez por estar do alto da

minha pouca idade, fui protelando a resposta. Segui esperando com minha boininha vermelha por reencontrá-lo na mesma parada de ônibus tal qual se espera a segunda queda de um raio no mesmo lugar sem nunca ter respondido à tal carta<sup>11</sup>. Apenas encontrei, anos depois, nos balaios de “3 por 5” dos encalhados de sebo um (curioso) tratado sobre vinhos espumantes de sua autoria e (bem mais tarde), algo sobre sua bibliografia em fóruns da *internet*.

## NOTAS

1. daqui em diante, “eu e meus colegas” poderá ser facilmente substituído por “nós e nossas boininhas”.
2. a despeito de toda nossa sabedoria, foi um pouco assim sim: um de nós e nossas boininhas acabou seguindo carreira no exército. Outro encontra-se na Cidade Maravilhosa. Mas de carreira civil.
3. também podendo ser Plagiammo chamado de “velhinho”.
4. segundo contam alguns escritos a cerca da bibliografia de L. Pagliammo (PRICKS et al., 1997 e DI PANI, 2003), ele fora colega de quarto de um famoso poeta alegretense também ex-aluno do Velho Casarão da Várzea cuja biografia encontra-se parte narrada em curiosas e divertidas anedotas.
5. poderia, nessa época escolar, ser Plagiammo chamado de “novinho”?
6. talvez para comprovar sua palavra ou só por vontade conversativa, seu L. declamou um poema lá dos tempos das cantigas de amigo na Língua Portuguesa falada à época do Trovadorismo. Ao fim, seu Plagiammo gentilmente traduziu os versos para um português que eu entendesse do alto da minha pouca idade. Ao que eu comentei sobre a suposta inocência desses versos amorosos, todos os passageiros acabaram por ouvir sobre as mais diversas obscenidades praticadas pelos tais virginais e inocentes casais dessas cantigas. Querendo os

passageiros sabê-las ou não. Como dito lá no início desta sessão: era uma voz tonitruante que a todos encontrava.

7. por questão de espaço e tempo e para que, sob hipótese alguma! se disperse deveras a atenção leitora almejada, cabe citar duas das obras mais importantes de Plagiammo. Primeiro, o *Tratado sobre as berrantes diferenças entre o Bianco Amibile e o Amabile Bianco*. Publicado em 1973, o tratado sob os dois tipos de vinho espumante foi escrito de maneira tão intrincada e seguindo por vezes vertiginosos fluxos de consciência que os enólogos da região onde morava pediram às autoridades municipais — através de uma nota de repúdio — a sua prisão (durante os anos 60 e a primeira metade da década de 70, L. morava no interior do Rio Grande do Sul no município de Pinheiro Machado). Já *A maior briga da história: a luta de boxe entre Sigmund Freud e Giambattista Vico* nunca chegou a ser publicado em sua totalidade: apenas alguns fragmentos do texto foram encontrados em gavetas, potes de bolacha, bules de café e fronhas de travesseiro por seus familiares após sua morte<sup>12</sup>. Do que se pode ler até agora, a obra traça um paralelo entre o pensamento de Freud (mais especificamente sobre a origem das religiões e da moralidade presente em *Totem e Tabu*) e os apontamentos de Vico em seu *Princípios de (uma) Ciência Nova* sobre os “motivos públicos de verdade” presente nas “tradições populares” (VICO, 1974). Alguns fãs mais ferrenhos da obra de Plagiammo (dos pouquíssimos fãs que sua

obra possui) chegam inclusive a defender que Roger Chartier teria se inspirado n' *A maior briga da história* quando escreveu o seu *Cardenio entre Cervantes e Shakespeare: história de uma peça perdida* (2012). Ainda que me seduza esta hipótese, o caso me parece mais um destes bairrismos que tanto assolam nosso Estado. Há ainda uma terceira obra de Plagiammo a ser citada neste trabalho: um livro sobre a condição da sala de aula ideal. Dada a importância de tal escrito para nossa pesquisa, haverá em nosso texto uma sessão dedicada exclusivamente a tal obra.

**8.** toda vez que me lembro desse fato, uma gargalhada se escapa entre meus lábios saindo lá do meu diafragma, rangendo por minha garganta de maneira tão violenta que é preciso que eu abra bem a boca para que a risada não me arrebente os dentes.

**9.** ele inclusive despediu-se do cobrador agradecendo-o pelo seu trabalho cantando “Senhor cobrador/muito obrigado ao seu trabalho” com a melodia da supracitada ode.

**10.** esta troca de correspondências serviu de inspiração para as cartas trocadas entre um professor aposentado e um licenciando presentes no trabalho de conclusão de curso intitulado *Assim que for nomeado, lhe aviso*.

**11.** no início da minha graduação<sup>13</sup>, trabalhei como bolsista voluntário no Herbário ICN -UFRGS. Uma das minhas funções era a de arrumar as coletas de exsicatas. Ou seja, tirá-las de

velhos jornais, catalogá-las e dar-lhes uma nova embalagem de cartolina. Além de passar por muitas horas saboreando o cheiro característico de um herbário, tinha eu o hábito de ler essas folhas ressecadas de jornal das coletas para matar o tempo e saciar minha curiosidade pelo insólito. Adorava ler os classificados destinado a maiores de idade, os avisos de leilão e os sorrisos falsos das colunas sociais. Numa dessas lidas, encontro o “muito pesar dos familiares e amigos de Laurindo Plagiammo, amado pai e distinto membro do Rotary Club de Pinheiro Machado”. O jornal datava de 2003. Ingressei na faculdade em 2004. Ou seja, tal qual um raio cair duas vezes no mesmo lugar, houve uma chance (ainda que ínfima) de nosso reencontro em uma parada de ônibus. Ainda assim, protelar a resposta a sua carta é algo do qual ainda carrego certo ressentimento.

**12.** aqui temos uma curiosa coincidência: modo muito semelhante ocorreu com a publicação do célebre *Museu do Romance da Eterna* de Macedônio Fernández (2010). Talvez no futuro, me debruce sobre o fato e produza meu “Cardenio” (ou “minha maior briga da história”).

**13.** ainda sobre meu início na graduação: pouco antes de começarem as disciplinas obrigatórias da área da licenciatura, solicitei a troca de ênfase de curso. Na época, saí da licenciatura nem começada e escolhi a opção de seguir o bacharelado em ênfase ambiental. Anos depois, refletindo

sobre a troca, (pois afinal “pra quê tanta volta se depois de tantos anos estou aqui solicitando humildemente à comissão de graduação meu título de licenciado? Eu que tal um Ulisses fiquei vinte anos vagando longe de casa enquanto a universidade me esperava ali tecendo interminavelmente sua colcha”) concluo que meu ranço, meu medo, minha insegurança não era sobre a licenciatura, e sim sobre o bendito do par de nefrídios presente por segmento nos poliquetas. Sobre ressaltar essa importante característica deste grupo de seres vivos, dessas minhocas marinhas peludas que eu mesmo tendo me criado todos os anos catando marisco na beira do mar nunca nem vi de perto. Ressaltar e ocupar na cabecinha dos jovens alunos de ensino médio essa tão marcante informação e que tanto mudou minha vida<sup>14</sup>.

Enquanto isso, tristemente, ao invés de sair por aí em carros voadores, a população seguiu tomando remédios para vermes e para malária na esperança de combater um vírus durante uma pandemia ocorrida nos anos vinte do século XXI. Aqui, tal qual Borges (2011) deixo esta discussão para outro local pois -em tradução um pouco livre- “há argumentos que se prestam menos à escrita laboriosa do que aos ócios da imaginação(...)”.

**14.** peço a gentileza a quem me lê que não entenda minha nota anterior como irônica: de fato, para minha vida foi este acontecimento (o de existirem um par de nefrídios por

segmento dos poliquetas) muito importante em meu caminho de forjar-se algo. Mais especificamente, forjar-me professor (vide minhas rocambolices atribuídas a tal fato).

**A FORJA COMO INVENÇÃO DO MUNDO: A SALA DE AULA IDEAL<sup>1</sup>**

Plagiammo, L. **Cubos multidimensionais e a questão da sala de aula ideal**. Porto Alegre: Nó, 2008.

Após o lançamento em 2006 de *A maior briga da história: a luta de boxe entre Sigmund Freud e Giambattista Vico*, a Editora Nó traz ao leitor mais uma das “obras engavetadas” de L. Plagiammo. Com introdução e notas do iniciado plagiammista Joaquim Crusta di Pani, *Cubos multidimensionais e a questão da sala de aula ideal*, não é o que possa parecer à primeira vista, ou seja, um livro destinado somente a professores e gestores escolares ou um folhetim de ficção científica. *Cubos* é muito mais que isso. Através do uso de uma metáfora geométrica, Plagiammo expõe suas meditações sobre as configurações de uma sala de aula ideal e suas conexões com nossa sociedade como um todo. Tendo sido ele mesmo professor por mais de 35 anos, o livro é repleto de indagações e observações pertinentes não só ao espaço físico do ambiente escolar como também às demais dimensões políticas e culturais que, segundo o próprio, compõem uma sala de aula.

Escrito logo após a polêmica do *Tratado sobre as berrantes diferenças entre o Bianco Amibile e o Amabile Bianco* (publicado pela Editora da UFPEL nos anos setenta), *Cubos* traz ainda o estilo “tropeçante” e os fluxos de consciência típicos de Plagiammo que desafiam o leitor tal qual seu livro anterior. Porém, aqui a leitura é muito mais fluida e mesmo que aborde o tema da educação em nenhum momento o texto é tomado por algum tom didático ou explicador sendo uma leitura provocante e desafiadora pois o próprio autor afirma logo de início que a sala de aula ideal é impossível de ser imaginada em nosso mundo uma vez que

(...)“é impossível a existência de uma sala de aula ideal ou perfeita uma vez que só podemos conceber o ideal como contraponto de algo imperfeito, algo que nos prejudica. E os limiares de 'bom/adequado/perfeito' e 'ruim/inadequado/imperfeito' sempre estão em constante deslocamento sendo infinitos em seu caminho. A representação de uma sala de aula ideal seria algo como um cubo no mínimo dodecadimensional (sendo suas dimensões largura, comprimento, altura, tempo, temperatura, higiene, nível de ruído, distribuição das carteiras, quantidade de alunos, disponibilidade de recursos didáticos, língua e história pregressa dos integrantes desta sala) em infinita expansão. Logo, algo inacessível e impossível de ser alcançado e até

observado por uma subjetividade/abstração tridimensional e cartesiana.”<sup>2</sup>

## NOTAS

1. o texto acima é a reprodução integral da orelha do livro da supracitada edição.
2. um adendo nosso ao livro de Plagiammo pode ser encontrado na sessão intitulada *A Forja como Invenção do Mundo: uma sala de aula impossível*.

## **A FORJA COMO INVENÇÃO DO MUNDO: UMA SALA DE AULA IMPOSSÍVEL**

Sendo o Palco para a Encenação tal qual o Livro o é para a Literatura, ou seja, o meio onde se carregam e se colidem todas as possibilidades de narrativa e de ficção exceto uma (a verdadeira Morte), não posso eu como futuro professor de Ciências Biológicas conceber, por mais fantástica que seja, uma aula sequer num palco (ou quaisquer palcos possíveis. Como por exemplo uma sala de aula). A Biologia, conforme nos é dado, é a Ciência do Estudo da Vida. E a Vida tal qual nos inventou e tal qual nós a concebemos, é essa narrativa obcecada na dança dois a dois de driblar (sem sucesso) a Morte.

Assim sendo, só posso conceber uma aula dentro de uma única possibilidade: a ficção aceita por nós como pré-Vida. A Vida antes da Morte (ou vida-pré-Vida. Nunca Morte-pré-Vida ou vida-pós-Morte). A Vida quando nada era real pois ainda não havia o morrer. Essa ficção, essa narrativa, nos conta que na vida-pré-Morte éramos todos moléculas de RNA. O pináculo último do proto-Existir.

Coloquemos então estas moléculas em nosso palco. Dada a inconcebível profunda disparidade dimensional de um

arranjo de algumas bases nitrogenadas e os metros de taboão encerado coberto por uma abóboda construída para projetar o som a largas distâncias, o palco nos é infinito, imensurável, quase inexistente em sua corporeidade. Assim a aula (esse local de encontro) é essa fantasia onde somos um código imersos num infinito onde a única impossibilidade é a Morte.

**A FORJA COMO INVENÇÃO DO OUTRO: a Maldita  
Nota Última do Nome do Plagiammo**

Senhoras & Senhores, bem-vindos à etapa final da escrita desse trabalho! Aqui nessa corriqueira radicalização última da impessoalidade acadêmica onde o autor se confunde com personagem e objeto e fazedor da própria pesquisa, aqui de onde observamos a linha dos limites a se estender para um pouco além de onde a vassoura alcança, venho de balde explicar-lhes esta nota de tropeço<sup>1</sup>.

Comecei a escrita desta nota em final de Julho e início de Agosto de 2022 quando escrevi “*A Carta de L. Plagiammo*” onde este algo excêntrico senhor ilustra algumas narrativas possíveis a partir de seu próprio nome e quais as potenciais consequências para a forja da sua própria identidade (e.g. ser um copiador ou até mesmo uma laranja!). Enquanto isso, eu como o intangível Demiurgo construtor<sup>2</sup> do mundo que habita as páginas deste Trabalho de Conclusão de Curso, escolho os nomes de minhas criações com o único propósito de ver quais dados melhor se encaixariam em minha pesquisa e assim, dado este fato, transmuto-me em Vilão de nossa imaculada Ciência. Ato nobre esse pois ao sacrificar minha natureza divina, desço à Humanidade por amor à minha carreira acadêmica.

Enquanto a criação do nome da personagem “*R. Fernandez*” me foi extremamente simplória (já o haviam criado antes que eu existisse), o professor aposentado -ainda que me acenasse bem em frente aos meus olhos- era um anônimo. Por preguiça, decidi que seu nome seria o fruto de algum anagrama. Coisa simples: utilizando alguma ferramenta *on line* e manipulando algum resultado a meu bel-prazer, obtive em menos de dois minutos o nome do “*L. Plagiammo*”<sup>3</sup>. Nome moldado tal o *Malleator*, o correspondente latino da Forja (esta, como é sabido, só existe graças à maleabilidade da Vida), já foi moldado na criação de peças sonoras.

Na noite em que torno-me vilão, envio um áudio por *WhatsApp* ao meu orientador<sup>4</sup> contando e explicando o processo de criação do nome da personagem do professor aposentado. Entretanto, durante o processo de escrita dessa pesquisa, troquei de aparelho celular e, por relaxamento, perdi todas as conversas que possuía em tal aplicativo. Obviamente, perdi também a estória de todas as etapas de criação do nome do nosso velhinho de voz tonitruante.

Assim que por justamente não poder escrever por não ter a certeza do que escrever e nem saber o que escrever é que devo, distinto público, me expor à audição pública como o autor desta tragicomédia.

## Notas

1. chamo todas as *notas* desse trabalho como “*notas de tropeço*” pois o tropeçar é aquele momento imprevisível e não possível de ser controlado (tal qual a invenção) onde o Tempo e o Espaço se deslocam do nosso objetivo (em nosso caso, do texto) e nos carregam em seu percurso rumo ao desconhecido. Tal é a força de um tropeço que, por vezes, podemos perder um encontro e ir parar numa emergência de hospital.

2. ou será forjador?

3. aqui reside uma fina ironia: este é o exato momento donde tropeço e despenco dos Céus e torno-me mortal. Porém, ao narrar esse fato, torno-me também ficção e a ficção é a morada de todas as possibilidades exceto a verdadeira Morte. Forjo-me então como um mortal imortal.

4. trago esse dado não só como ilustração mas também como prova de minha agora condição humana: para os Deuses, os arautos. Para os seres de ventre e carne, os aparelhos celulares e as contas de telefone.

## **A FORJA COMO INVENÇÃO DO OUTRO: MANUAL DE MONTAGEM OU HISTÓRIA NATURAL DO SER PROFESSOR**

12 Logo, principalmente no Ensino Fundamental, em que os alunos ainda não traçaram um foco de formação profissional ou ainda são muito ingênuos em relação à vida, a tarefa de despertar o desejo de saber é bem complexa e o professor não deve assumir essa carga. Além disso, o próprio sistema aponta que o objetivo da escola não é manter o desejo de saber e a decisão de aprender dos alunos, pois, se assim fosse, não fariam uso de extensos programas, que consideram que os alunos já possuem tais características, em sua maioria, e contam que os professores farão milagre.

17 o professor deve saber se posicionar de maneira que não fragilize os pais e resistir à tentação de culpá-los. Deve tratá-los como iguais e não como alunos

2 As realidades educacionais com as quais convivemos demonstraram que aquilo que o aluno aprende na sua formação na licenciatura deve subsidiar de fato suas ações futuras, sabendo que o mercado de trabalho do professor se constitui de pessoas, e que estas estão inseridas em diferentes realidades sociais, econômicas e culturais. Sendo assim, a ação docente

bem executada e preferencialmente prazerosa passa obrigatoriamente por uma boa formação acadêmica.

11 Toda pedagogia diferenciada é baseada em cooperação ativa dos alunos e de seus pais, não havendo um manual para conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; logo, não se resume a fazer uso inteligente de instrumentos nem de colocar um aluno como monitor. É o educador buscar conhecer sua turma e suas necessidades para então adaptar os dispositivos.

13 é necessário tornar a aprendizagem significativa. Isso se resume em dois recursos: compreensão e certo domínio dos fatores e de mecanismos sociológicos, didáticos e psicológicos em jogo no surgimento do desejo de saber e da decisão de aprender, além de ter habilidade no campo da transposição didática do trabalho sobre a transferência dos conhecimentos de forma que auxilie o aluno a conceber as práticas sociais para as quais são preparados e o papel dos saberes que as tornam possíveis.

19 Para que o professor consiga tornar a ferramenta mais rica, precisará dominá-la e saber planejar didaticamente sua aula

14 o docente deve traçar acordos para evitar o descontrole da turma. O contrato didático não só traz obrigações aos alunos como trata de como o professor deve escutar seus alunos, ajudá-los a formular um pensamento e ouvir suas declarações.

3 Ultimamente, a formação docente vem passando por transformações estruturantes, num cenário claramente mercadológico, marcado, segundo esses autores, por permanências neoliberais, pela competição, pelo crescimento desenfreado das licenciaturas a distância, pela presença das novas tecnologias educacionais e pela dissociabilidade entre teoria e prática, isto é, pela dissociabilidade entre formação específica e formação docente. Nesse sentido, faz-se necessário repensar a formação docente no Brasil, de forma que ela venha a atender as demandas da sociedade, pois “o magistério, longe de ser uma ocupação secundária, constitui um setor nevrálgico nas sociedades contemporâneas, uma das chaves para atender às suas transformações” (Tardiff; Lessard, 2005, apud Bertotti; Rietow, 2013).

18 formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação.

6 Pode-se ressaltar dois aspectos da interação professor-aluno no trabalho docente: os aspectos cognoscitivos (que dizem respeito à forma de comunicação do professor sobre os conteúdos escolares e as tarefas indicadas aos alunos), e os aspectos socioemocionais (que se referem às relações pessoais

entre professor e aluno e às normas disciplinares), necessárias e indispensáveis para o êxito do trabalho docente.

1 A formação dos professores no curso de licenciatura deve ser pautada nas necessidades educacionais, no contexto onde a universidade está inserida, mas deve ser pensada tendo em vista a formação de profissionais capazes de enfrentar situações que podem ir das cotidianas as mais inesperadas e inusitadas. O professor deve ser capaz de fazer reflexões sobre o que o cerca, e transformar suas impressões em avanços para a educação que propõe.

20 A escola tem que transparecer um ambiente de respeito, justiça e combate à violência. Se o professor não agir eticamente, suas palavras serão vazias; logo, o educador precisa ser um modelo a seguir.

16 Pensar em harmonia total é utopia, e, para lidar com as crises, é necessário ter como competência a regulação com objetivo preventivo; não bastará ter apenas tolerância e afeição. Isso consiste em ver a realidade de frente, identificando mecanismos de degeneração e neutralizando-os.

## MANUAL DE MONTAGEM

Caso o leitor julgue interessante, segue o processo de montagem do texto acima:

1) após uma brevíssima pesquisa no google e na plataforma *Scielo* com as palavras "formação" e "professores", foram selecionados artigos científicos que chamaram a atenção dos autores não tanto pelo conteúdo muito menos pela forma. A seleção foi arbitrária e talvez se deu por afeição a uma ou outra frase. São eles os artigos selecionados:

GOMES, M. M.; GOMES, F. C.; ARAUJO NETO, B. B.; MOURA, N. D.S.; MELO, S. R. A.; ARAUJO, S. F.; NASCIMENTO, A. K.; MORAIS, L. M. D. Reflexões sobre a formação de professores: características, histórico e perspectivas. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 15, 6 de agosto de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/15/reflexoes-sobre-a-formacao-de-professores-caracteristicas-historico-e-perspectivas>

PIZZA, D. G. A FORMAÇÃO DOS ALUNOS DE ARTE PARA ATUAR EM CONTEXTOS PLURAIS. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 42, n. 116, p.18-27, Jan.-Abr., 2022

MENDONÇA, S. F. A. F. "Dez novas competências para ensinar", de Philippe Perrenoud: percepções e paralelos com autores conceituados do campo educacional. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, nº 9, 14 de março de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/9/dez-novas->

STANKE, R.C.S.F., Ferreira, M. V. Formação inicial de professoras/es de línguas e contexto pandêmico: o foco nas práticas colaborativas para o enfrentamento de desafios. *Pandaemonium* ger. 25 (47) • Sep-Dec 2022

Os autores do presente trabalho, resumiram-se a estes poucos artigos pois uma seleção mais extensa por si só já seria um trabalho maior do que este singelo e humilde Trabalho de Conclusão de Curso poderia suportar.

2) Foram recortados destes artigos frases ou parágrafos inteiros os quais os autores julgaram interessantes. Estes recortes aqui foram denominados de “trechos”. Cada trecho foi numerado de acordo com a ordem em que foi lido não sendo feita nenhuma outra espécie de distinção de valor quanto a sua classificação numérica. Um total de 20 trechos foram selecionados.

3) Estes trechos serviram de elementos para a construção de uma matriz quadrada do tipo 20 x 20. Para a construção da matriz, os autores utilizaram o *site* <https://mxncalc.com/pt/generator> . O resultado obtido foi a seguinte matriz numérica:

12-20-14-19-16-14-7-18-12-20-16-15-15-2-13-12-20-6-13-13  
20-17-8-1-7-5-13-13-5-3-2-12-10-4-16-4-1-17-17-7  
3-8-2-3-13-4-16-9-10-15-19-9-10-12-18-9-7-18-5-11  
8-15-12-11-1-3-6-6-12-6-4-9-7-5-7-5-6-17-18-20  
13-14-8-16-2-2-1-14-5-9-9-7-20-2-1-20-20-6-11-2  
12-1-5-7-2-13-20-3-15-6-13-15-12-20-1-3-17-10-19-15  
5-4-3-11-1-9-11-14-3-9-2-18-20-2-1-7-13-5-16-19

20-9-5-16-13-20-14-19-9-17-10-16-6-6-12-6-12-11-3-2  
15-15-2-14-3-11-2-6-14-8-3-20-8-8-14-1-13-2-20-13  
9-20-12-9-18-20-18-18-4-3-13-15-8-14-8-4-12-7-12-1  
2-12-5-2-6-16-10-18-19-17-18-14-5-11-8-15-5-3-16-20  
16-19-11-19-17-6-6-10-6-8-10-6-10-18-4-10-20-13-20-11  
8-13-10-12-2-15-3-7-13-20-18-18-1-18-11-19-5-20-12-10  
19-4-3-17-8-3-5-16-2-20-2-14-4-13-19-18-15-20-13-2  
10-18-10-1-16-4-6-10-5-20-4-12-7-9-12-12-2-17-20-8  
9-19-12-12-19-1-8-1-12-18-6-15-9-12-1-20-6-19-2-17  
17-2-14-15-1-16-3-8-15-13-6-14-9-7-3-18-13-14-6-15  
20-4-2-15-11-3-8-6-9-5-4-17-5-18-11-13-13-1-19-14  
2-4-16-7-6-5-12-13-18-12-7-2-11-2-19-19-4-16-13-1  
20-20-9-17-16-4-20-10-4-9-10-13-10-14-2-4-4-10-9-16

A partir da diagonal principal desta matriz, os autores selecionaram a ordem a qual os trechos deveriam aparecer no texto. A diagonal principal é a seguinte:

12 – 17 – 2 – 11 – 2 – 13 – 11 – 19 – 14 – 3 – 18 – 6 – 1 – 13 –  
12 – 20 – 13 – 1 – 13 – 16

Os trechos quando repetidos foram excluídos da montagem final. A resultante final dos trechos selecionados para a formação do texto final foi:

12 – 17 – 2 – 11 – x – 13 – x – 19 – 14 – 3 – 18 – 6 – 1 – x – x –  
20 – x – x – x – 16

onde “x” representa a exclusão do trecho.

4) a metodologia acima pode ser considerada uma derivação do método de recorte proposto por Tristan Tzara em 1920.

## APRESENTAÇÃO DA QUESTÃO

### Do começo

começamos, então, com o que de elucubrações<sup>1</sup> são passíveis de caber aqui nestas linhas sem que se disperse de veras a atenção leitora almejada<sup>2</sup> para fins avaliativos da presente pesquisa<sup>3</sup>. De maneira bem simples: o que faz alguém ser professor? Quais caminhos se percorrem para chegada à docência<sup>4</sup>? Como tornar-se essa coisa ali donde repousam tantos anseios e outras tantas demandas e responsabilidades para com indivíduos e com lugares e sociedades várias? Ou, talvez melhor: como **forjar-se** professor nessa nossa sociedade com seus lugares e seus indivíduos?

### Do forjar-se

Segundo Bechara (2011),

**forjar** (for.jar) *v. td.* 1 Aquecer e trabalhar (metal) na forja. *forjar o ferro* 2 *Fig.* Fabricar, fazer na forja; modelar. 3 *Fig.* Inventar (algo falso); falsificar. *forjar um documento.* [Conjug. 1 forjar] [De *forja* + *ar.*]

e é daqui que podemos dizer “de onde parte<sup>5</sup>” o trabalho. Há nessas seis letrinhas a possibilidade (quase clichê) de

“produção em larga escala de professores”, pois, em seu sentido figurado, “forjar” traz esse molde, essa coisa oca onde se deposita a matéria para que ela tome “forma”<sup>6</sup>. Algo que muito bem caberia a um romance distópico (que um certo Rodrigo mais jovem, cheio de espinhas na cara e ferrenho admirador de Aldous Huxley, poderia muito bem empolgar-se por escrever). Porém<sup>7</sup>, este Rodrigo barrigudo das cervejas em promoção das prateleiras de supermercado tem uma certa birra com a ficção científica e sua preocupação algo demasiada em criar<sup>8</sup> dispositivos positrônicos de raios catódicos quasarianos interescamoteáveis do que, de fato, contar uma estória<sup>9</sup>. E aqui, deste lugar de agora, eu e minha barriga nos saboreamos muito mais com os caminhos da estória do que com seus aparatos e seus finais...

*A forja como invenção do outro.*

Aproveitemos, portanto, que das duas sílabas do **forjar** possamos **inventar**<sup>10</sup> o professor e os locais onde ele habita. Pois que sigamos caminhos estoriosos<sup>11</sup>. Tomemos como partida que a estória nos é narrada<sup>12</sup>. O romance nos é escrito por um “sujeito isolado”; a narrativa é contada por alguém a partir de suas experiências<sup>13</sup> — sejam elas tomadas de terceiros ou não (BENJAMIN, 1985). Há que se ter aqui uma certa sedução no contar, uma certa trapaça na voz de quem narra, uma performance, um finjimento<sup>14</sup>, uma falsificação.

*Performance sedutora que fecunda o pensamento.*

Onde, inevitavelmente, sofremos da violência do pensamento do pensar sobre si que inventa a si próprio enquanto forja a si enquanto escreve sobre o inventar de si mesmo num palco de infinitas cortinas com palcos atrás, e arranca a vida e estufa a vela frente a uma plateia retumbante, irriquieta onde todos os rostos e onde todas as vozes são a sua própria voz dos tempos que estão por vir e dos tempos que ainda nem chegaram e dos tempos descartados pelo caminho enquanto nossa mão muda de rota suada pelo calor infernal, o calor insustentável que nós mortais presenciamos ao invadir as entranhas do Etna. Sofremos da angústia e da alegria de forjar-se a nós mesmos.

*A forja como invenção do Mundo.*

### **Da questão**

Talvez o **como forjar-se professor** não seja o adequado para apresentar de maneira honesta a questão que este trabalho busca investigar. O “como forjar-se” nos leva à sensação de um “objetivo final”, um manual de “quais ruas se deve pegar para chegar até a padaria” e assim correr o risco de decretar o fim de uma jornada. O fim de uma potência. Talvez seja **sobre algum forjar-se professor**, sobre inventar os caminhos que percorri sem saber onde fica a padaria<sup>15</sup>. E assim escrevendo alguns

estilhaços de Vida espiados pelas janelas dos caminhos do meu não saber, roubando ficções esquecidas em assentos de ônibus e em dunas de areia e em páginas amarelecidas e em salas de aula e em minha própria maleabilidade (ou, como possam dizer alguns, minha própria subjetividade) crie este eu-autor-do-vir-a-ser uma resposta que justifique ou que aplaque por algum tempo a angústia do forjar-se, da imprevisibilidade de uma identidade docente.

*A forja como invenção de si.*

## NOTAS

1. peço, por gentileza, que não se leia o termo como “invenções descabidas” como, por vezes, popularmente, carrega tal palavra. “Elucubrações”, aqui, denotam as inquições deste pesquisador acerca sua própria natureza como professor em formação. Poderíamos facilmente dizer que o presente projeto se trata de uma “história natural” do vir a ser professor. Mas tal expressão diminuiria consideravelmente a probabilidade à aceitação de futuros artigos oriundos do (futuro) trabalho de conclusão de curso em revistas e periódicos de publicações científicas, e preciso preocupar-me com minha carreira acadêmica (levemente roubado de LAMELA ADÓ, 2013).

2. conforme Kastrup (2009), a atenção é um processo complexo que pode assumir diversas funcionalidades. Inclusive dispersa. Seria a função da atenção, segundo a mesma autora, a “detecção de signos e forças circundantes”, “pontas de um processo em curso”.

3. “pesquisar”, aqui, como “perguntar”, “inquirir”. Não necessariamente pesquisar de maneira muito aplicada a fim de obter “informações sobre algo ou alguém” (BECHARA, 2001).

4. dada certa afinidade e tangenciamentos cartográficos do presente projeto, mais importam os caminhos do que as chegadas. A ênfase encontra-se menos nos objetivos do que nos processos (COSTA, 2014).

5. partir, esmiuçar, compartilhar, dividir algo em pedaços menores para compartilhar com quem está à volta, como um contador de histórias divide suas experiências com os demais.

6. não cabe aqui discutir sobre formar e seus desdobramentos e variações (enformar, formatar, reformar etc.). Caminho desnecessário, supérfluo, talvez? Não é justo que eu responda a essa questão. Fica a critério de quem lê, pois “debaixo do meu manto, ao rei, mato” (profundamente roubado de CERVANTES, 2004).

7. como brincávamos nos tempos de escola: “a Biologia é a ciência das exceções”<sup>16</sup>. E, sendo eu biólogo de formação, é natural que coloque uma ou outra exceção aqui, ali e acolá. É de minha natureza.

8. sobre “criar” e “inventar” logo mais num item próximo. Peço desculpas à ansiedade alheia e agradeço sua compreensão.

9. desrespeitando um pouco o atual acordo ortográfico, mantenho a diferenciação entre “estória” e “história” pois todos sabemos dos perigos de uma “história ficcional”.

10. conforme Kastrup (2005), inventar não implica aqui **solucionar**, mas sim **inventar problemas**. Sendo a própria invenção nesse contexto algo imprevisível e, portanto, não possível de uma categorização a partir de leis pré-determinadas. Já a criação é a “**solução original para algum problema**” (KASTRUP, 2005). Tal qual criamos um dispositivo positrônico de raios catódicos quasarianos

interescamoteáveis necessário à destruição de uma tropa de combate de naves de um planeta inimigo.

**11.** o corretor do meu editor de texto assinalou “estoriosos” como uma palavra escrita errada. Por preguiça, não fui pesquisar se ela existe mesmo. Apenas a coloquei no texto (assim como “invenções”) por julgá-la um tanto quanto saborosa. Seria uma palavra criada ou inventada?

**12.** desde o berço nos embala a figura acalentadora de alguém nos contando estórias para ninar.

**13.** a narrativa aqui ocupa um local semelhante à ficção em Flusser (1960). Esse local de convergências, que só é real enquanto ponto de encontro de diferentes ficções que, a rigor, quando isoladas são apenas mera virtualidade.

**14.** por motivos de preguiça, peço encarecidamente a quem me lê que insira aqui a famosa citação de Fernando Pessoa sobre o poeta ser um fingidor etc. etc.

**15.** não por motivos de preguiça, mas sim pelo meu forte apego a comilanças: insira aqui sua memória preferida sobre pão quentinho recém saído do forno da padaria.

**16.** por definição própria, a ciência das exceções é a Patafísica (JARRY, 2011 apud LAMELA ADÓ, 2013). Ainda que “patafísica”, nos meus tempos de estudante de Ensino Médio, fosse apenas uma palavra criada por Paul McCartney para preencher alguma métrica em “Maxwell’s silver hammer”.

**APRESENTAÇÃO DAS REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS**

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

BORGES, Jorge Luis. **Prólogos, com un prólogo de prólogos; Borges, oral**. Buenos Aires : Sudamericana, 2011.

BÜRGER, Gottfried August (org.). **Aventuras do barão de Münchhasen**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1053.

CAVALCANTE, Rita de Cássia. **Práticas para a educação literária**: a formação docente na licenciatura em Letras de uma instituição pública de ensino superior do sul do Brasil. Orientador: Antônio Marcos Vieira Sanseverino. 2018. Tese (Doutorado em letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CHARTIER, Roger. **Cardenio entre Cervantes e Shakespeare**: história de uma peça perdida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. São Paulo: Real Academia Española/Alfaguerra, 2004

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, ed. 2, p. 66-77, mai/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 7 abr. 2022.

DI PANI, Joaquim Crusta. Nossos vovôs. **Informativo Rotary Club**, Pinheiro Machado, p. 5-5, 17 maio 2003.

FERNÁNDEZ, Macedonio. **Una novela que comienza**. Barcelona: Ediciones Corregidor, 2001.

\_\_\_\_\_. **Museu do romance da Eterna**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

GASSEN, Fernanda Bulegon. **Noções pictóricas para imagens fotográficas**: as refeições ao ar livre e os espaços compartilhados na série de fotos-eventos Convescotes. Orientador: Elida Starosta Tessler. 2014. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2014.

GOMES, M. M.; GOMES, F. C.; ARAUJO NETO, B. B.; MOURA, N. D.S.; MELO, S. R. A.; ARAUJO, S. F.; NASCIMENTO, A. K.; MORAIS, L. M. D. Reflexões sobre a formação de professores: características, histórico e perspectivas. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 15, 6 de agosto de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/15/reflexoes-sobre-a-formacao-de-professores-caracteristicas-historico-e-perspectivas>

KASTRUP, Virgínia. POLÍTICAS COGNITIVAS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROBLEMA DO DEVIR-MESTRE. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, ed. 93, p. 1273-1288, set/dez. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 24 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. A cartografia como método de pesquisa-intervenção: O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA., Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Meridional, 2009. cap. Pista 2, p. 32 -51.

LAMELA ADÓ, Máximo Daniel. **Educação potencial:** autocomédia do intelecto. Orientador: Sandra Mara Corazza. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

MENDONÇA, S. F. A. F. "Dez novas competências para ensinar", de Philippe Perrenoud: percepções e paralelos com autores conceituados do campo educacional. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23, nº 9, 14 de março de 2023. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/9/dez-novas-competencias-para-ensinar-de-philippe-perrenoud-percepcoes-e-paralelos-com-autores-conceituados-do-campo-educacional>  
NABOKOV, Vladimir. **Fogo pálido**. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA., Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Meridional, 2009. cap. Pista 1, p. 17-31.

PIZZA, D. G. A formação dos alunos de arte para atuar em contextos plurais. **Cad. Cedes, Campinas**, v. 42, n. 116, p.18-27, Jan.-Abr., 2022

PLAGIAMMO, Laurindo. **Tratado sobre as berrantes diferenças entre o Bianco Amibile e o Amabile Bianco**. Pelotas: Editora UFPEL, 1973.

\_\_\_\_\_. **A maior briga da história: a luta de boxe entre Sigmund Freud e Giambattista Vico**. Porto Alegre: Nó, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cubos multidimensionais e a questão da sala de aula ideal**. Porto Alegre: Nó, 2008.

PRICKS, Carlos Augusto *et al.* Histórico viticultor do Sul do Estado. *In: ENCONTRO DE TÉCNICOS EM VINÍCOLAS REGIÃO NORTE*, 1997, Passo Fundo. **Resumos**[...], 1997

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto alegre: L&PM, 2012.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

ROCHA, Michel Zózimo da. **Assim que for editado, lhe envio**/Organização de Michel Zózimo da Rocha. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2013.

SHÔNAGON, Sei.**O livro de travesseiro**. Porto Alegre: Escritos, 2008.

STANKE, R.C.S.F., Ferreira, M. V. Formação inicial de professoras/es de línguas e contexto pandêmico: o foco nas práticas colaborativas para o enfrentamento de desafios. **Pandaemonium ger. 25 (47) • Sep-Dec 2022**

VICO, Giambattista. **Princípios de (uma) Ciência nova: acerca da natureza comum das nações**. São Paulo: Victor Civita, 1974.